

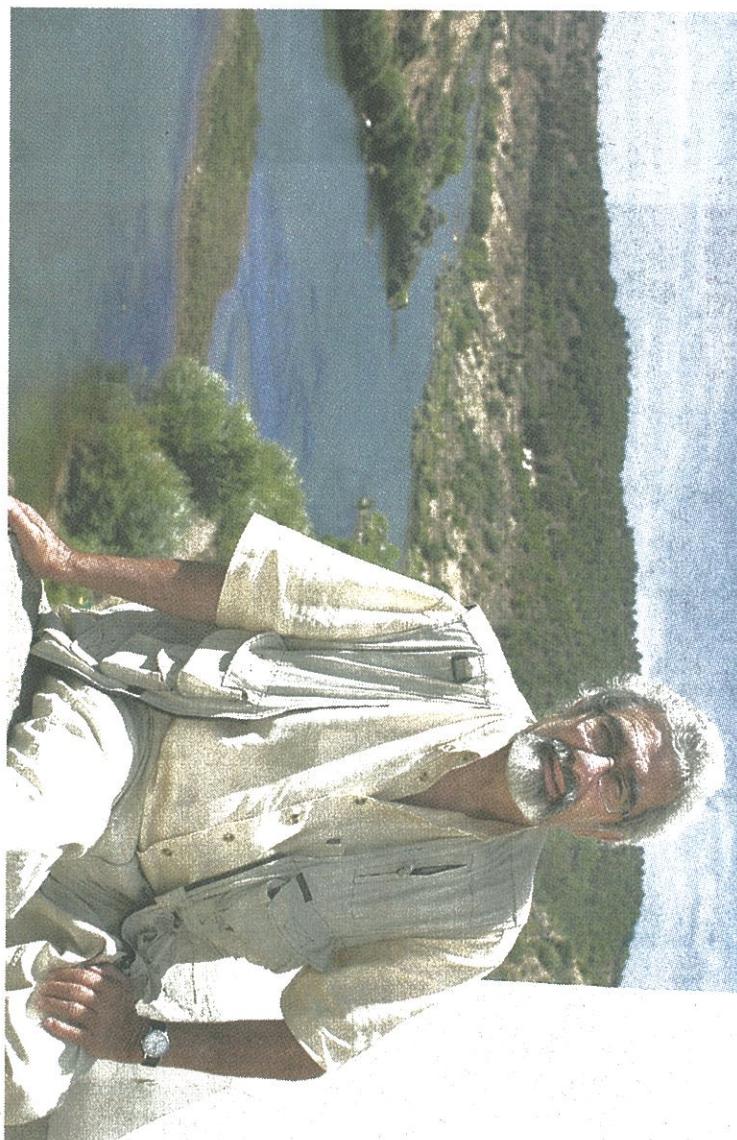
Claudio Torres vai ser homenageado em Mértola, em 28 de junho – e em meados de julho, em Tondela, onde nasceu –, no ano do seu 75º aniversário. Uma homenagem que pretende ter a componente académica, evidentemente, mas ser sobretudo uma homenagem dos homens e das mulheres de Mértola, do Baixo Alentejo, do Alentejo, de Lisboa, de Tondela, de Portugal, do mundo mediterrânico.

Homenagem

Em homenagem a uma das figuras cimeiras da cultura portuguesa do século XX, o “Diário do Alentejo” faz publicar em baixo um texto síntese da autoria de Eduardo Raposo, coordenador da biografia do arqueólogo que será lançada no final da primavera de 2014. Cláudio Torres, Prémio Pessoa em 1991, completa amanhã 75 anos.

Texto Eduardo M. Raposo Foto José Ferrolho

Cláudio Torres completa 75 anos



Claudio Figueiredo Torres, o mais conhecido e prestigiado arqueólogo português e um dos mais conceituados internacionalmente, nomeadamente no mundo mediterrânico, completa no próximo dia 11 de janeiro 75 anos.

Diretor do Campo Arqueológico de Mértola desde a sua fundação, em 1978, tem vindo a realizar um trabalho científico e sociocultural de exceção, posto ao serviço do desenvolvimento local, de tal forma que o projeto Vila Museu, se por um lado devolveu a Mértola o seu rico passado milenar islâmico e mediterrâneo, operando uma transformação económica e social ímpar, colocou esta vila da raia, anteriormente esquecida, no mapa mundial da arqueologia.

Este percurso ímpar teve o seu reconhecimento com a atribuição a Cláudio Torres do Prémio Pessoa, em 1991, do Prémio Rómulo de Carvalho, em 2001, ao livro *O Legado Islâmico em Portugal*, publicado em parceria com Santiago Macias, e a distinção, pela Universidade de Évora, com o doutoramento Honoris Causa, em 2002.

Homenageado em junho com lançamento de biografia Cláudio Torres vai ser homenageado em Mértola, em 28 de junho – e em meados de julho, em Tondela, onde nasceu –, no ano do seu 75º aniversário, mas também quando passam exatamente 52 anos da partida, num barquito, para uma viagem atribulada por Marrocos. Uma homenagem que pretende ter a componente académica, evidentemente, mas ser sobretudo uma homenagem dos homens e das mulheres de Mértola, do Baixo Alentejo, do Alentejo, de Lisboa, de Tondela, de Portugal, do mundo mediterrânico, que poderá estender-se a outros locais, nomeadamente no Alentejo.

Uma homenagem dos homens e das mulheres que se reveem na sua postura de homem livre, como o título do livro biográfico, que estamos a finalizar para o efeito, sugere: Cláudio Torres.

Percurso(s) biográfico(s) de um homem livre. Neste trabalho, fruto de uma aturada pesquisa nos arquivos da PIDE/DGS na Torre do Tombo, mas sobretudo de muitos dias

à conversa com Cláudio, muitas vezes com a presença e participação da Manuela Barros, a sua companheira há mais de 50 anos, e da própria mãe – a D. Fernanda Figueiredo, de uma simpatia extrema, à beira de completar 100 anos –, resultaram momentos inesquecíveis. Acrescentam-se os depoimentos e as entrevistas a outros familiares próximos e ao historiador e académico jubilado António Borges Coelho, de quem será a autoria do prefácio.

Mas esta viagem intimista pelo riquíssimo e diversificado percurso humano, cívico e intelectual do Cláudio não figura completa sem a participação, através de deliciosos e sentidos depoimentos escritos, de 24 amigos – quase 80 páginas – de proveniências diversas: figuras cimeiras do mundo académico de várias universidades, como José Mattoso (FCSH/UNL); Jorge Alarcão e Conceição Lopes (Coimbra); Mário Barroca e Alexandre Alves Costa (Porto); José Luis de Matos e João Guerreiro (Algarve); Adel Sidarus (Évora); António Malpica (Granada) ou Christophe Picard (Sorbonne). Por outro lado, esta parte final da biografia tem também a presença carismática de nomes – nomeadamente mas não só do Baixo Alentejo – sobejamente conhecidos(as), como Miguel Urbano Rodrigues, Santiago Macias, Ana Paula Amendoeira, Fernando Caeiros, João Paulo Ramôa, Miguel Bento, João Mário Caldeira, Miguel Rego ou Sandra Gonçalves. Bem como, de outras latitudes, Miguel Torres (Acert-Tondela), José Alberto Alegria (cónsul honorário de Marrocos), Conceição Amaral (diretora do Museu das Artes Decorativas Portuguesas), ou as investigadoras Susana Gómez (CAM) e Ana Paula Guimaraës (IELT-FCSH).

Todos(as) são tocados(as) pela aura irresistível de Cláudio, pelas suas qualidades, genialidade, capacidade congregadora, espírito entusiástico e sonhador do Cláudio, aspeto certamente decisivo para o CAM ter alcançado o patamar de exceção que nenhum outro projeto arqueológico de peso alcançou em Portugal. Como refere José Alegria: “Um senhor do Mediterrâneo: sincrético, visionário e apaixonado” e “um ser permanentemente apaixonado pela luz”. Ou, como destaca Miguel Bento, docente no IIPB e ex-autarca mertolense: para ele “é seguramente para muitos outros jovens do concelho, talvez o principal ensinamento de Cláudio foi o de nos ajudar a gostar da nossa terra”, e soube “apostar naquilo que aparentemente era menos necessário [em finais

de 70]: a cultura, nas suas múltiplas dimensões como fator de desenvolvimento local”.

E se para Miguel Urbano Rodrigues, “Cláudio Torres é uma das figuras exponentiais da cultura portuguesa contemporânea”, para Conceição Amaral, Cláudio é “o homem do perfume”, “universal, genial e raro”, que nos veio mostrar que a “longa noite de mil anos” da presença árabe em Portugal “persiste nos gestos, nos saberes e nos sabores”, e, claro, no “perfume das coisas e das palavras”.

João Paulo Ramôa, noutro registo, é claro: “Mértola muito deve a este homem, e o País também. Mas ele não era um homem só. Uma equipa o acompanhava, aglutinada pelos seus ideais e anseios, construída à imagem da sua personalidade. Sempre acompanhado, nessa época, pelo seu inefável amigo e discípulo Santiago Macias, outra figura ímpar da nossa região”.

Para António Malpica, o catedrático de Granada: “Ha hecho una obra gigantesca, que no reclama ni piensa que es suya, sino de un colectivo. Hoy Mértola es un santuario, laico por supuesto, al que hemos peregrinado todos los que creemos que el mundo se puede cambiar, que hay que cambiarlo con una profunda fe, también laica, en el ser humano”. Por outro lado, Ana Paula Amendoeira, recentemente nomeadamente diretora regional da Cultura do Alentejo, que termina citando o lindíssimo “Credo”, de Natália Correia, fala-nos assim de Cláudio: “Há pessoas que cruzam as nossas vidas para nos iluminarem”.

Fernando Caeiros, numa escreta com sabor ao Campo Branco, refere-nos como o Cláudio, com “aquele olhar vibrante que lhe é tão característico”, o incentivou, nos anos 80, para a importância da preservação e recuperação da viola campanha – hoje uma realidade – concluindo desta forma: “Como caracterizar muito sinteticamente esta personalidade com tal sexto sentido e cintilante olhar? Os mais clássicos falam de um investigador excepcional, dum marxista revolucionário e até dum anarcossocialista com tíquies panteístas. Ou então, tão simplesmente O Velho, como alguns dos discípulos carinhosamente o apelidam. Acima de tudo: os outros jovens do concelho, talvez o principal ensinamento de Cláudio foi o de nos ajudar a gostar da nossa terra”, e soube “apostar naquilo que aparentemente era menos necessário [em finais